

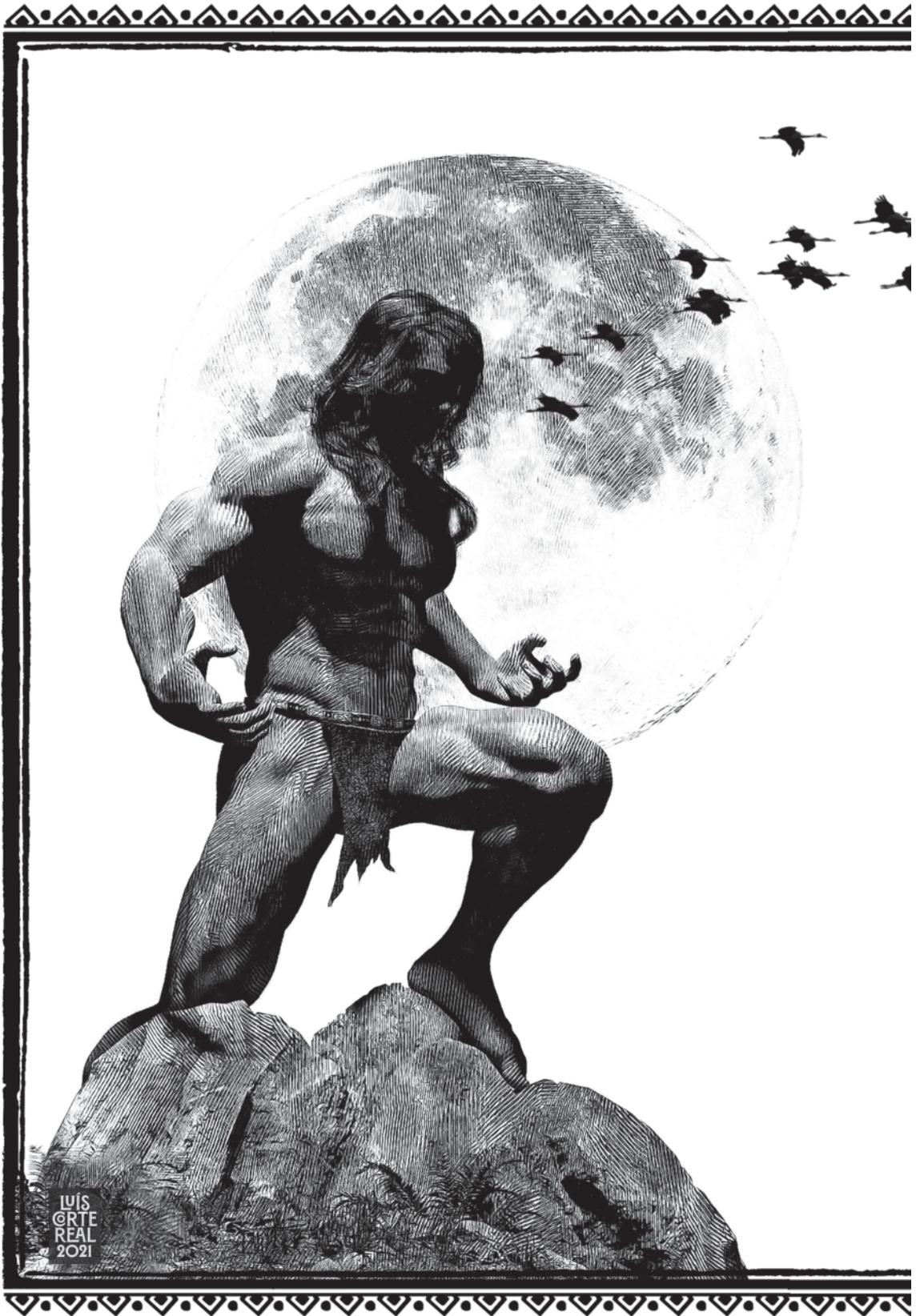


*Ernest Hemingway*



## **ATENÇÃO:**

A leitura destes contos pode criar uma vontade irresistível de se embrenhar na selva à procura de Janes e de macaquinhos





**TARZAN**  
*dos* **MACACOS**  
& OUTRAS HISTÓRIAS  
*da* **SELVA**

**EDGAR RICE BURROUGHS**

**LUÍS CORTE REAL**  
ORGANIZAÇÃO E DIREÇÃO ARTÍSTICA

**BRUNO CAETANO**  
CURADORIA DE ILUSTRAÇÕES



# ÍNDICE

## EDITORIAL

*Luis Corte Real 11*

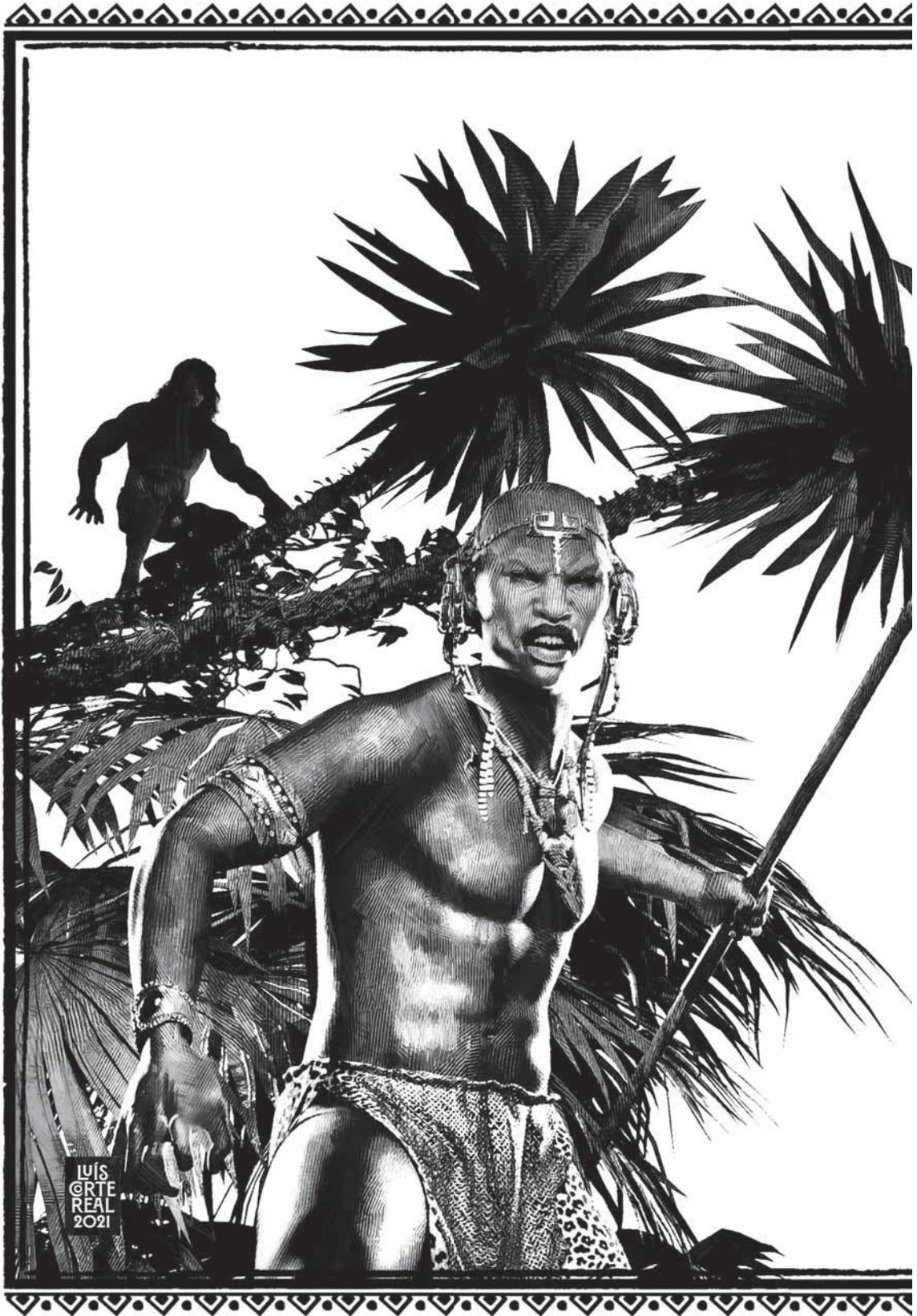
### TARZAN DOS MACACOS

- I – Ao Mar 15
- II – O Lar Selvagem 24
- III – Vida e Morte 35
- IV – Os Macacos 41
- V – O Macaco Branco 49
- VI – Lutas na Selva 58
- VII – A Luz do Conhecimento 64
- VIII – O Caçador do Alto das Árvores 74
- IX – Homem e Homem 79
- X – O Fantasma do Medo 90
- XI – «Rei dos Macacos» 95
- XII – A Razão do Homem 106
- XIII – A Sua Própria Espécie 114
- XIV – À Mercê da Selva 126
- XV – O Deus da Floresta 136
- XVI – «Notável» 141
- XVII – Enterros 150
- XVIII – O Custo da Selva 161
- XIX – O Apelo dos Primitivos 171
- XX – Hereditariedade 182

- XXI – A Aldeia da Tortura 193
- XXII – O Grupo de Busca 199
- XXIII – Homens Irmãos 208
- XXIV – Tesouro Perdido 219
- XXV – O Posto Avançado do Mundo 226
- XXVI – O Pico da Civilização 238
- XXVII – De Novo o Gigante 247
- XXVIII – Conclusão 259

### OS CONTOS DA SELVA DE TARZAN

- I – O Primeiro Amor de Tarzan 273
- II – A Captura de Tarzan 290
- III – A Luta pelo Balu 305
- IV – O Deus de Tarzan 318
- V – Tarzan e o Rapaz Negro 335
- VI – O Curandeiro-Feiticeiro Procura Vingança 359
- VII – O Fim de Bukawai 378
- VIII – O Leão 390
- IX – O Pesadelo 405
- X – A Luta por Teeka 419
- XI – Uma Partida da Selva 438
- XII – Tarzan Salva a Lua 455



LUIS  
ORTEGA  
REAL  
2021

# EDITORIAL



## DOS CORVOS DE POE AOS MACACOS DE BURROUGHS

por

LUÍS CORTE REAL



**T**em, nas suas mãos, o quarto volume de uma coleção muito especial para mim. O primeiro é dedicado a Edgar Allan Poe, o segundo a H. P. Lovecraft, o terceiro a Robert E. Howard, e este último é uma homenagem ao incomparável Edgar Rice Burroughs. O que une esses volumes? Para além de apresentarem quatro autores incontornáveis da literatura fantástica e popular, são profusamente ilustrados por alguns dos melhores artistas portugueses. Mais: as edições são luxuosas, verdadeiras preciosidades de colecionador, oferecendo capa dura e um *design* cuidado — é evidente, para todos, que a SDE tem imenso orgulho em cada um destes livros.

### Como nasceu este projeto?

Em 2016, a Safaa Dib, que era coordenadora editorial da SDE, mostrou interesse em organizar uma antologia do Edgar Allan Poe. Não fiquei muito convencido, pois já havia outras no mercado, bastante completas e bem traduzidas — o que é que ia adiantar publicarmos mais uma? Mas, então, folheando a revista BANG! 18, vi um artigo que mostrou o caminho para satisfazer o desejo da Safaa em publicar Poe, e, ao mesmo tempo, garantir que podíamos oferecer uma antologia diferente de todas as outras. O artigo era sobre as *Figuras Clássicas do Terror* e consistia numa série de maravilhosas ilustrações de artistas nacionais, tudo sob a

curadoria atenta do Bruno Caetano. Foi então lançado um desafio ao Bruno: escolher 28 ilustradores portugueses para marcarem presença na antologia de Poe que a SDE pretendia preparar. O Bruno abraçou o projeto com paixão, escolheu os artistas certos, e, quando a antologia chegou ao mercado, em 2017, foi um sucesso. Depois de a reimprimirmos várias vezes, a pergunta que eu tinha na cabeça era: que autor escolher para o segundo volume?

### Os senhores que se seguem

Rapidamente tudo se tornou claro, tinha de ser H. P. Lovecraft. Havia algum risco nessa decisão, pois se Poe era um autor transversal — admirado conjuntamente por leitores académicos e amantes do fantástico —, já Lovecraft era um autor de nicho. Ainda assim avançámos, o Bruno Caetano convidou mais de duas dezenas de artistas, e o segundo volume chegou ao mercado em 2018, revelando-se um novo sucesso. Encorajado pela receptividade do mercado, o autor escolhido para o terceiro volume foi o criador de Conan. Se Lovecraft já era um autor arriscado, Robert E. Howard era-o muito mais: o primeiro era autor de nicho, mas o segundo era autor de um nicho dentro do nicho. A paixão dos ilustradores foi imensa — afinal, todos haviam crescido a ler as bandas desenhadas do Conan. Em 2021, a antologia dedicada ao bárbaro mais famoso da literatura fantástica chegou ao mercado. À data deste editorial ainda não teve direito a reimpressão, mas acredito que irá lá chegar. Para o quarto volume pareceu-me natural homenagear o criador de Tarzan. Juntamente com Super-Homem e Zorro, Tarzan é uma das personagens mais famosas da literatura mundial. O resultado final é aquele que tem nas mãos: uma edição apaixonada, feita por apaixonados e para apaixonados.

### E agora?

Vai haver um quinto volume nesta coleção? Claro que sim, o tema está escolhido e, para o ano, contamos estar de volta. Será um orgulho atingir a marca dos cem ilustradores convidados, o que significa que Portugal está cheio de gente talentosa e que adora livros. Mas todo este esforço só faz sentido se os leitores nos acompanharem nesta viagem. Contamos consigo para ler e divulgar. E, agora, está na hora da macacada, e despeço-me com votos de boas leituras!



**TARZAN  
DOS  
MACACOS**



## I AO MAR



**R**ecebi esta história da parte de alguém que não tinha a obrigação de me a contar, nem a ninguém. Posso atribuir a influência sedutora de um velho *vintage* sobre o narrador pelo seu início e a minha incredulidade cética ao longo dos dias que se seguiram pelo resto do estranho relato.

Quando o meu conversador anfitrião descobriu que me contara tanto, e que eu estava dado à dúvida, o seu orgulho escusado assumiu a tarefa que o velho *vintage* iniciara, e então ele desencantou provas escritas na forma de manuscritos bafientos e registos oficiais ressequidos do Gabinete Colonial Britânico para apoiar muitas das características marcantes da sua notável narrativa.

Não digo que a história seja verdadeira, pois não testemunhei os acontecimentos que narra, mas o facto de no relato que vos faço da mesma ter recorrido a nomes fictícios para as principais personagens evidencia de forma significativa a sinceridade da minha crença de *poder* ser verdade.

As páginas amarelcidas e com mofo do diário de um homem há muito morto e os registos do Gabinete Colonial ajustam-se na perfeição à narrativa do meu conversador anfitrião, e assim apresento-vos a história conforme a montei meticulosamente a partir destas variadas fontes.

Se não a acharem credível vão pelo menos reconhecer, tal como eu, que será única, notável e interessante.

A partir dos registos do Gabinete Colonial e do diário do morto ficamos a saber que um certo jovem nobre inglês, a quem deveremos chamar John Clayton, *Lord Greystoke*, ficou incumbido de efetuar uma investigação peculiarmente delicada sobre as condições de vida numa colónia africana da Costa Ocidental Britânica, entre cujos modestos habitantes nativos uma

outra potência europeia recrutava soldados para o seu exército nativo, utilizado unicamente para a recolha forçada de borracha e marfim às tribos selvagens ao longo das margens do Congo e do Aruwimi.

Os nativos da colónia britânica queixavam-se de que muitos dos seus jovens eram seduzidos através de promessas boas e fascinantes, mas dos quais poucos, ou nenhuns, regressavam para as suas famílias.

Os ingleses em África foram ainda mais longe, dizendo que esses pobres negros eram mantidos praticamente numa escravatura, dado que quando expiravam os termos de alistamento os oficiais brancos aproveitavam-se da sua ignorância e era-lhes dito que ainda tinham de servir por vários anos.

E, desse modo, o Gabinete Colonial destacou John Clayton para um novo posto na África Ocidental britânica, mas as suas instruções confidenciais incidiam numa profusa investigação ao tratamento injusto de sujeitos negros britânicos por parte dos oficiais de uma potência europeia amiga. A razão para ele ter sido enviado é, todavia, de somenos importância para esta história, pois nunca concretizou tal enquanto investigação, nem, de facto, alguma vez chegou ao seu destino.

Clayton era o tipo de inglês que gostamos mais de associar aos mais nobres monumentos a feitos históricos assentes sobre um milhar de campos de batalha vitoriosos — um homem forte e viril —, a nível mental, moral e físico.

Em termos de estatura, era mais alto do que a média: os seus olhos eram cinzentos, as suas feições regulares e vincadas; o seu porte era de uma saúde perfeita e robusta, proporcionada por anos de treino militar.

A ambição política levava-o a procurar uma transferência do exército para o Gabinete Colonial e assim damos com ele, ainda jovem, incumbido de uma delicada e importante comissão ao serviço da rainha.

Quando recebeu esta nomeação sentiu-se em simultâneo eufórico e apavorado. A promoção parece-lhe advinda de uma bem merecida recompensa pelo seu serviço minucioso e inteligente e um trampolim para postos de maior importância e responsabilidade; mas, por outro lado, ele casara com a excelentíssima Alice Rutherford nem três meses antes, e era a ideia de levar esta rapariga bastante jovem para os perigos e isolamento da África tropical que o desanimava e amedrontava.

Pelo bem dela, teria recusado a nomeação; mas ela não concordou. Em vez disso, insistiu para que ele aceitasse e, até, que a levasse com ele.

Houve mães, e irmãos, e irmãs, e tias, e primos a expressar diversas opiniões sobre o assunto, mas quanto ao que aconselharam de nada reza a história.

Sabemos apenas que numa luminosa manhã de maio de 1888, John, *Lord Greystoke*, e *Lady Alice* velejaram a partir de Dover rumo a África.

Um mês decorrido chegaram a Freeport, onde contrataram uma pequena embarcação à vela, a *Fuwalda*, destinada a transportá-los ao seu derradeiro destino.

E aqui John, *Lord Greystoke*, e *Lady Alice*, a sua esposa, desapareceram da vista e do conhecimento dos homens.

Dois meses depois de terem içado âncora e partido do porto de Freetown, meia dúzia de vasos de guerra britânicos vasculhavam o Atlântico Sul em busca deles ou da sua pequena embarcação, e foi quase de imediato que descobriram os destroços nas costas de Santa Helena, o que convenceu o mundo de que o *Fuwalda* afundara com toda a gente a bordo, e como tal a busca parou pouco depois de iniciada, embora a esperança tenha permanecido por muitos anos nos corações saudosos.

O *Fuwalda*, uma escuna com cerca de cem toneladas, era uma embarcação do tipo visto com frequência em tráfego costeiro no Atlântico mais a sul, e as suas tripulações compostas pela gentilha do mar — assassinos escapados à força e degoladores de todas as raças e nações.

O *Fuwalda* não era exceção à regra. Os seus oficiais eram homens intimidantes de pele tisonada, odiando e sendo odiados pela tripulação. O capitão, apesar de ser um marujo competente, era bruto a lidar com os homens. Conhecia, ou pelo menos usava, dois tipos de argumentos ao lidar com os homens — um pino de segurança e um revólver —, não sendo provável que o eclético grupo que ele contratou tivesse compreendido outra linguagem.

Então, foi a partir do segundo dia após largarem de Freetown que John Clayton e a sua jovem esposa testemunharam cenas no convés do *Fuwalda* que nunca acreditaram que acontecessem para lá das capas de histórias marítimas impressas.

Foi na manhã do segundo dia que foi forjado o primeiro laço do que estava destinado a ser a formação de uma cadeia de acontecimentos que redundaria numa vida de alguém ainda por nascer que provavelmente nunca teve paralelo na história do Homem.

Dois marinheiros andavam a lavar o convés do *Fuwalda*, o primeiro imediato estava de serviço e o capitão acabara de falar com John Clayton e *Lady Alice*.

Os homens trabalhavam às arrecuas na direção do pequeno grupo, que

não se encontrava voltado para os marinheiros. Aproximaram-se cada vez mais, até um deles se posicionar imediatamente atrás do capitão. Noutro momento, ele teria passado e esta narrativa nunca teria sido registada.

Mas naquele preciso momento, o oficial voltou-se para se afastar de *Lord* e *Lady* Greystoke e, ao fazê-lo, tropeçou no marinheiro e caiu de cabeça no convés, derrubando o balde de água, tendo-se encharcado com o seu conteúdo imundo.

Por um instante, a cena revelou-se absurda; mas apenas por um instante. Lançando uma série de improperios, o rosto dele ruborizado com o escarlate do constrangimento e da raiva, o capitão reergueu-se e com um golpe terrível derrubou o marinheiro no convés.

O homem era pequeno e bastante velho, pelo que se acentuou ainda mais a brutalidade do ato. O outro homem do mar, todavia, não era nem velho nem pequeno — era grande como um urso, com bigodes pretos enormes e um robusto pescoço de touro assente entre ombros maciços.

Ao ver o seu companheiro cair, agachou-se e, com uma longa rosnadela, saltou sobre o capitão, fazendo-o ajoelhar-se com um simples e vigoroso golpe.

De escarlate, o rosto do capitão ficou de repente branco, pois isto tratava-se de amotinação; e ele já enfrentara e derrubara motins na sua dura carreira. Sem esperar para se levantar, sacou de repente de um revólver que tinha no bolso, disparando à queima-roupa contra a grande montanha de músculos que se impunha diante dele; rápido como era, John Clayton foi quase tão lesto, pelo que a bala destinada ao coração do marinheiro alojou-se antes na perna do mesmo, pois o *Lord* desviou para baixo o braço do capitão assim que viu a arma a cintilar ao sol.

Houve uma troca de palavras entre Clayton e o capitão, com o primeiro a deixar bem claro que estava desagradado com a crueldade dedicada à tripulação, e que não poderia continuar a aguentar nada mais do género enquanto ele e *Lady* Greystoke permanecessem a bordo enquanto passageiros.

O capitão esteve prestes a reagir de forma enfurecida, mas, refletindo melhor, girou sobre os calcanhares e afastou-se, com má cara.

Ele não quis antagonizar um oficial inglês, pois o braço poderoso da rainha exercia um instrumento punitivo que reconhecia e que temia — o longo alcance da marinha inglesa.

Os dois marinheiros recompuseram-se, o mais velho ajudando o companheiro ferido a levantar-se. O tipo grandalhão, que era conhecido entre os seus comparsas por Black Michael, tentou levantar-se, com a sua perna a vacilar, e,

vendo que sustentava o seu peso, virou-se para Clayton para agradecer num tom ríspido.

Apesar de o tom do homem ser mal-humorado, as suas palavras eram notoriamente bem-intencionadas. Ainda mal terminara o seu parco discurso e já estava a virar costas e a coxear na direção do castelo da proa com a bem aparente intenção de evitar mais conversas.

Não voltaram a vê-lo durante vários dias, nem o capitão lhes dirigiu a palavra mais do que um mero resmungo quando obrigado a falar com eles.

Eles comeram no camarote dele, tal como antes do infeliz acontecimento; mas o capitão teve o cuidado de fazer com que os seus deveres o levassem a nunca comer ao mesmo tempo.

Os outros oficiais eram tipos grosseiros e iletrados, mas pouco mais do que a tripulação ignóbil que atormentavam, e davam-se por satisfeitos por evitar um relacionamento social com o educado nobre inglês e sua senhora, pelo que os Clayton foram praticamente deixados em paz.

Isto na verdade correspondeu na perfeição aos seus desejos, só que também os isolou bastante da vida da pequena embarcação, por não terem conseguido manter-se a par dos acontecimentos diários que em breve culminariam numa sangrenta tragédia.

Reinava em todo o ambiente da embarcação algo indefinível que pressagiava um desastre. Aparentemente, tanto quanto os Clayton percebiam, tudo corria como antes no pequeno barco, mas ambos sentiram que havia uma subcorrente que os encaminhava para um perigo desconhecido, apesar de entre eles não terem abordado o assunto.

No segundo dia após o ferimento de Black Michael, Clayton dirigiu-se ao convés a tempo de ver o corpo inerte de um membro da tripulação a ser carregado por quatro dos seus companheiros enquanto o primeiro imediato, segurando um pesado pino de segurança, olhava com uma expressão fulminante para o pequeno grupo de marinheiros sombrios.

Clayton não fez perguntas — não foi necessário — e no dia seguinte, quando o enorme contorno de um vaso de guerra britânico ia crescendo no horizonte longínquo, estava quase decidido a exigir que ele e *Lady Alice* fossem para lá transportados, pois era cada vez maior o seu receio de que algo iria correr mal se permanecessem a bordo do ameaçador e sombrio *Fuwalda*.

Por volta do meio-dia era possível falar para bordo da embarcação britânica, mas quando Clayton quase se decidira a pedir ao capitão que os levasse

para lá, o evidente ridículo de tal pedido tornou-se de repente claro. Que razão poderia ele dar ao comandante do navio de sua majestade para desejar regressar na direção de onde partira?

Caramba, se ele lhes contasse que dois marinheiros insubordinados foram tratados com rudeza pelos seus oficiais, iriam simplesmente rir-se de forma dissimulada e atribuiriam a razão do seu desejo de abandonar o barco a uma mera coisa — cobardia.

John Clayton, *Lord Greystoke*, não pediu para ser transferido para o navio de guerra britânico e mais adiante nessa tarde viu a parte acima da linha de água desaparecer para lá do horizonte longínquo, mas não antes de tomar conhecimento daquilo que confirmou os seus maiores receios, levando-o a amaldiçoar o seu falso orgulho que o impedira de procurar segurança para a sua jovem esposa umas poucas horas antes, quando ainda era alcançável — uma segurança agora perdida para sempre.

A tarde ia a meio quando apareceu o velho marinheiro, que fora derrubado uns dias antes pelo capitão, junto do local onde se encontravam Clayton e a mulher, na lateral do barco, a observar a silhueta cada vez mais pequena do grande vaso de guerra. O velho estava a polir metais e ao aproximar-se de Clayton disse, em voz baixa:

— Vai ser o inferno, senhor, neste barco, e escreva o que lhe digo, senhor, vai ser o inferno.

— Como assim, meu caro? — quis saber Clayton.

— Homessa! Num viu o que se passa? Num soube q'aquele demónio de capitão e os comparsas deram cabo de metade da tripulação?

» Duas pancadas na cabeça ontem, três hoje. O Black Michael 'tá outra vez fresco como uma alface e não é durão a quem se faça frente, não é não; e escreva o que eu lhe digo.

— Está a dizer-me, meu bom homem, que a tripulação contempla amotinarse? — questionou Clayton.

— Motim! — exclamou o velho homem. — Motim! Eles querem dizer assassinio, senhor, e escreva o que lhe digo, senhor.

— Quando?

— Vem aí, senhor; vem aí, mas num digo quando, e já falei de mais, que diabo, mas foi um bom tipo há dias e achei que seria d'avisá-lo. Mas bico calado e quando ouvir tiros fuja lá pra baixo e deixe-se 'tar.

» É isso, bico calado, ou enfiam-lhe um balázio nas costelas e escreva o

que eu lhe digo — e o velho marinheiro prosseguiu com o seu polimento, o que o levou a afastar-se do local onde se encontravam os Clayton.

— Que bela perspectiva, Alice — comentou Clayton.

— Deves avisar desde já o capitão, John. Possivelmente ainda se vai a tempo de evitar o problema — disse ela.

— Suponho que sim; todavia, por motivos puramente egoístas, quase me sinto tentado a manter-me «de bico calado». O que quer que façam agora vão poupar-nos em reconhecimento pela minha posição em defesa do tal Black Michael, mas se descobrem que os traí não serão misericordiosos connosco, Alice.

— Tens um único dever, John, e esse incide no interesse da autoridade investida. Se não avisares o capitão és tão conivente quanto qualquer um dos tipos, como se tivesses ajudado na conspiração e a levasses a cabo com as tuas próprias mãos.

— Querida, não estás a entender — replicou Clayton. — É em ti que penso... esse é o meu principal dever. O capitão é que chamou isto a ele; assim sendo, porque devo eu arriscar sujeitar a minha esposa a horrores inimagináveis na tentativa, provavelmente vã, de o salvar da sua própria loucura de brutalidade? Não fazes ideia, querida, do que se seguirá quando esta matilha de degoladores tomar conta do *Fuwalda*.

— Dever é dever, meu marido, e não há sofismas que o possam alterar. Seria uma pobre esposa de um lorde inglês se tivesse de ser responsável pelo seu encolhimento face a um dever absoluto. Percebo o perigo do que deve seguir-se, mas contigo sou capaz de o enfrentar... enfrentá-lo com muito mais bravura do que enfrentaria a desonra de sempre saber que poderias ter evitado uma tragédia se não negligenciasses o teu dever.

— Será então como desejas, Alice — reagiu ele, sorrindo. — Se calhar, estamos a preocupar-nos escusadamente. Apesar de não apreciar o rumo das coisas a bordo deste barco, afinal pode não ser assim tão mau, pois é possível que o «velho marujo» estivesse apenas a dar voz aos desejos do seu velho coração retorcido, mais do que a referir-se a factos reais.

» Motim em alto-mar pode ter sido comum há uma centena de anos, mas neste bom ano de 1888 é algo altamente improvável.

» Mas ali vai o capitão para o seu camarote. Se é para avisá-lo, mais vale despachar já esta tarefa horrível, pois não tenho qualquer vontade de conversar com aquele bruto.

Dito isto, caminhou despreocupadamente na direção da escada por onde passara o capitão e pouco depois batia-lhe à porta.

— Entre — rosnou num tom soturno aquele oficial sombrio. E quando Clayton entrou e fechou a porta: — Então?

— Venho relatar o essencial de uma conversa que escutei hoje, pois entendo que apesar de poder não se tratar de nada, também acho que deve ser posto a par. Resumindo, os homens estão a pensar em amotinar-se e em matar.

— Isso é mentira! — rugiu o capitão. — E se andou de novo a interferir com a disciplina deste navio, ou a meter-se em assuntos que não lhe dizem respeito, vai arcar com as consequências e vai-se lixar. Quero lá saber se é ou não um lorde inglês. Sou o capitão deste barco e daqui em diante deixe de se meter nos meus assuntos.

Ao proferir esta peroração, o capitão já se levantara num tal frenesi de fúria que até ficou roxo, e guinchou as últimas palavras o mais alto que lhe foi possível; enfatizou os seus comentários batendo sonoramente com o pesado punho na mesa, brandindo o outro na cara de Clayton.

Greystoke nem se mexeu, mantendo-se a olhar fixamente para o exaltado homem.

— Capitão Billings — disse por fim num tom arrastado. — Perdoe-me a franqueza. Devo vincar que é um valente imbecil, sabe?

Dito aquilo, virou-se e abandonou o camarote com a mesma descontração indiferente que lhe era habitual, e que foi sem dúvida mais indicada para espicaçar a ira de um homem da classe de Billings do que uma torrente de insultos.

Então, ao passo que o capitão poderia facilmente ser levado a arrepender-se do seu discurso estouvado se Clayton tivesse tentado a conciliação, a realidade é que o seu temperamento estava agora irremediavelmente no ponto em que Clayton o deixara e perdera-se a derradeira oportunidade de trabalharem em conjunto para o bem e a sobrevivência comuns.

— Bem, Alice — disse Clayton, ao regressar para junto da mulher —, se poupei o meu fôlego deveria também ter-me poupado ao trabalho. O tipo revelou-se um grande ingrato. Lançou-se a mim como um cão enraivecido.

» No que me diz respeito, ele e o seu velho barco bem podem ir para o diabo, e até nos vermos a salvo da situação devo poupar as minhas forças tratando do nosso próprio bem-estar. E gostaria que o primeiro passo nesse sentido fosse irmos para o nosso camarote para eu procurar os meus revólveres. Só lamento

agora termos guardado lá em baixo, com o resto do material as armas maiores e as munições.

Depararam com os seus aposentos numa grande desordem. Roupas das suas caixas abertas e malas espalhadas pelo pequeno apartamento, e até as camas tinham sido desfeitas em pedaços.

— É mais que evidente que alguém estava mais ansioso do que nós pelos nossos pertences — comentou Clayton. — Santo Deus, o que será que procuraria o patife? Alice, vamos dar uma vista de olhos, para ver o que falta.

Uma busca exaustiva revelou que nada fora levado além dos dois revólveres de Clayton e da pequena provisão de munições que guardara para os mesmos.

— São as duas coisas que mais desejava que tivessem deixado ficar — disse Clayton —, e o facto de as terem desejado, e nada mais, é a circunstância mais sinistra que transpirou para nos ameaçar desde que pusemos o pé nesta carcaça miserável.

— O que vamos fazer, John? — questionou a mulher dele. — Não te incito a voltares a procurar o capitão, pois não te vejo a aceitar mais desaforos. Possivelmente, a nossa melhor hipótese de salvação passa por nos mantermos neutrais.

» Se os oficiais conseguirem evitar um motim nada temos a temer, mas se os amotinados levarem a melhor a nossa única ténue esperança passa por não tentarmos demovê-los ou antagonizá-los.

— Tens toda a razão, Alice. Vamos manter-nos a meio da ponte.

Enquanto se esforçavam por arrumar o seu camarote, Clayton e a mulher repararam em simultâneo no canto de um pedaço de papel saliente por baixo da porta dos aposentos. Quando Clayton se curvou para lhe pegar espantou-se ao vê-lo avançar ainda mais no quarto e então percebeu que estava a ser empurrado por alguém do lado de fora.

Rapidamente e em silêncio avançou para a porta, mas, ao deitar a mão à maçaneta para a rodar, a sua mulher assentou-lhe a mão no pulso.

— Não, John — sussurrou ela. — Quem é não deseja ser visto, pelo que não podemos arriscar-nos a ver de quem se trata. Não te esqueças de que estamos a meio da ponte.

Clayton sorriu e baixou a mão. Assim sendo, ficaram a observar o pequeno pedaço de papel branco até por fim se imobilizar no chão logo a seguir à porta.

Então, Clayton baixou-se e pegou-lhe. Tratava-se de um pedaço de papel branco imundo, dobrado à toa num quadrado incerto. Ao abri-lo, descobriram uma mensagem tosca impressa em letras grosseiras, com muitas provas de se tratar de uma tarefa pouco habitual para o seu autor.

Traduzido, era um aviso aos Clayton para se refrearem a reportar a perda dos revólveres ou a reproduzirem o que lhes contara o velho marinheiro — pagariam com a vida caso não o fizessem.

— Imagino que havemos de ficar bem — disse Clayton com um sorriso pesaroso. — Só nos resta ficarmos aqui quietinhos à espera do que possa acontecer.

## II

### O LAR SELVAGEM



**N**ão tiveram de esperar muito tempo, pois na manhã seguinte, quando Clayton saía para o convés para o seu habitual passeio antes do pequeno-almoço, soou um disparo, e depois outro, e mais outro.

O que os seus olhos viram confirmou os seus piores receios. Enfrentando o pequeno conjunto de oficiais via-se toda a diversificada tripulação do *Fuwalda*, liderada por Black Michael.

À primeira saraivada dos oficiais, os homens correram em busca de abrigo, e de pontos estratégicos atrás de mastros, casa do leme e camarote ripostaram aos disparos dos cinco homens que representavam a odiada autoridade no navio.

Dois dos seus elementos tinham sido abatidos pelo revólver do capitão. Jaziam onde tinham tombado entre os combatentes.

Presentemente, o primeiro imediato caiu de rosto no chão e a um grito de comando de Black Michael os rufiões sedentos de sangue atacaram os restantes quatro. A tripulação lograra reunir seis armas de fogo, pelo que a maior parte estavam armados com arpões, machados, machadinhas e pés-de-cabra.

O capitão esvaziara o seu revólver e estava a recarregá-lo enquanto tinha lugar a investida. A arma do segundo imediato encravara, pelo que restavam

apenas duas armas para fazer face aos amotinados consoante eles se aproximavam rapidamente dos oficiais, que começavam agora a ripostar diante do avanço enfurecido dos seus homens.

Ambos os lados praguejavam e injuriavam de modo medonho, o que, juntado aos estampidos dos disparos e aos gritos e gemidos dos feridos, transformou o convés do *Fuwalda* em algo semelhante a um manicómio.

Antes de os oficiais recuarem uma dúzia de passos já os homens estavam em cima deles. Um machado nas mãos de um negro corpulento traçou um golpe no capitão desde a testa até ao queixo e pouco depois os outros foram derrubados, mortos ou feridos face às dezenas de golpes e ferimentos de balas.

Curto e horrendo revelara-se o trabalho dos amotinados do *Fuwalda*, e ao longo desse tempo John Clayton deixou-se estar descontraidamente encostado ao lado da escada a fumar pensativamente o seu cachimbo, como se assistisse a uma inofensiva partida de críquete.

Quando soçobrou o derradeiro oficial, entendeu que chegara o momento de regressar para junto da esposa, antes que algum elemento da tripulação desse com ela sozinha lá em baixo.

Apesar de calmo e indiferente à vista, Clayton encontrava-se na realidade apreensivo e perturbado, pois temia pela segurança da mulher às mãos daqueles ignorantes brutamontes, para cujas mãos o destino tão impiedosamente os lançara.

Ao virar-se para descer a escada surpreendeu-se ao ver a mulher parada nos degraus praticamente ao seu lado.

— Há quanto tempo estás aí, Alice?

— Desde o início — respondeu. — Que horror, John. Oh, que horror! O que podemos esperar às mãos desta gente?

— Pequeno-almoço, espero eu — respondeu ele, sorrindo corajosamente numa tentativa de apaziguar os receios dela. — No mínimo — acrescentou. — Vou perguntar-lhes. Acompanha-me, Alice. Não devemos permitir que achem que esperamos algo que não seja um tratamento cortês.

Por esta altura, os homens já tinham cercado os oficiais mortos e feridos e sem predileção ou compaixão trataram de lançar borda fora vivos e mortos. Com igual crueldade descartaram-se dos seus próprios feridos e dos corpos dos três marinheiros mortos, a quem uma piedosa providência garantira a morte imediata diante das balas dos oficiais.

Presentemente, um dos tripulantes observava a aproximação dos Clayton,

e com um grito de «Eis mais dois para dar de comer aos peixes», correu para eles brandindo um machado.

Mas Black Michael foi ainda mais rápido, de modo que o tipo foi abatido com um tiro nas costas antes sequer de dar meia dúzia de passos.

Com um sonoro rugido, Black Michael atraiu a atenção dos outros e, apontando para *Lord* e *Lady Greystoke*, gritou:

— Estes são meus amigos e devem ser deixados em paz. Entendido?

» Agora, sou eu o capitão deste navio e vale o que eu digo — acrescentou, voltando-se para Clayton. — Mantenham-se sossegados e ninguém vos fará mal. — E lançou um olhar ameaçador aos seus companheiros.

Os Clayton respeitaram de tal forma as instruções de Black Michael que mal viram a tripulação e nada souberam dos planos que os homens traçavam.

Ocasionalmente escutaram leves ecos de rixas e brigas entre os amotinados e em duas ocasiões o rugido cruel de armas de fogo a disparar no ambiente de silêncio. Mas Black Michael era o líder adequado para este bando heterogêneo de degoladores e, com isso, manteve-os justamente subjugados à sua liderança.

No quinto dia após o assassinio dos oficiais da embarcação foi avistada terra pelo vigia. Se era ilha ou continente, Black Michael não soube dizer, mas anunciou a Clayton que, se uma investigação revelasse que o lugar era habitável, ele e *Lady Greystoke* seriam deixados na costa com os seus pertences.

— Ficarão ali bem por uns meses — explicou — e por essa altura teremos conseguido chegar a alguma costa habitada e deambular um pouco. Depois, tratarei pra que o vosso gov'nador seja avisado do vosso p'radeiro e depressa enviarão um navio de guerra pra vos recolher.

» Vocês devem ficar bem. S'ria complicado desembarcar-vos na civilização sem que fossem feitas imensas p'rguntas e nenhum de nós teria na manga respostas convincentes a dar.

Clayton voltou a protestar com a desumanidade que era largá-los numa costa desconhecida para serem deixados à mercê de animais selvagens e, possivelmente, homens ainda mais selvagens.

Mas as suas palavras caíram em saco roto e serviram apenas para irritar Black Michael, pelo que se viu obrigado a desistir e a tirar o máximo proveito de uma situação complicada.

Por volta das três da tarde deram com uma bela costa arborizada diante da embocadura do que parecia ser um porto interior.

Black Michael enviou uma pequena embarcação cheia de homens para sondar a entrada, de modo a determinar se o *Fuwalda* poderia navegar por ali em segurança.

Ao fim de cerca de uma hora regressaram e reportaram que a água era profunda na passagem, assim como até à pequena enseada.

Antes de anoitecer, a escuna estava pacificamente ancorada no seio da superfície espelhada imóvel do porto.

As margens em redor eram belas, com vegetação semitropical, enquanto ao longe a terra se erguia do mar em colinas e planaltos, quase uniformemente revestidas por floresta primeva.

Não havia à vista sinais de habitação, mas que a terra poderia facilmente sustentar vida humana era provado pela abundante vida de aves e outros animais que os observadores no convés do *Fuwalda* avistaram ocasionalmente, assim como pelo cintilar do ribeiro que desembocava no porto, garantindo imensa água pura.

Quando a escuridão se abateu sobre a terra, Clayton e *Lady Alice* estavam parados na amurada do navio numa contemplação silenciosa da sua futura residência. De entre as sombras escuras da poderosa floresta surgiram os chamamentos selvagens das feras — o rugido profundo do leão e, por vezes, o bramido agressivo de uma pantera.

A mulher encolheu-se mais junto do homem numa perspectiva apavorada dos horrores que os aguardavam na terrível negritude das noites por vir, quando os dois estariam sozinhos naquela costa selvagem e solitária.

Mais tarde nessa noite, Black Michael juntou-se a eles pelo tempo suficiente para os instruir quanto aos preparativos para desembarcarem no dia seguinte. Tentaram convencê-lo a levarem-nos para uma costa mais hospitaleira suficientemente perto da civilização para poderem esperar cair em mãos amigas. Mas nenhuma súplica, ameaça ou promessa de recompensa seria capaz de o demover.

— Sou o único homem a bordo que não preferiria ver-vos mortos, pra nossa segurança, e apesar de saber que é a forma sensata de proteger o nosso couro, Black Michael não é homem de esquecer um favor. Em tempos salvaram-me a vida e em troca vou poupar-vos as vossas, mas nada mais posso fazer.

» Os homens não vão esperar mais e se não vos desembarcarmos bastante d'pressa até podem mudar de ideias em relação a dar-vos tanto. Vou descarregar todos os vossos pertences na costa, assim como utensílios de cozinha e

algumas velas velhas para tendas, rancho suficiente pra durar até que encontrem fruta e caça.

» Assim, protegidos com as vossas armas, vão poder viver aqui com alguma facilidade até chegar ajuda. Quando me esconder em segurança, vou tratar pra que o g'verno britânico saiba do vosso p'radeiro. Por muito que queira, não poderei indicar-lhes com exatidão onde, pois eu próprio não sei. Mas não vão ter problemas em encontrar-vos.

Depois de sair de junto deles desceram em silêncio, cada um envolvido nos seus próprios pressentimentos sombrios.

Clayton não acreditava que Black Michael tivesse a mínima intenção de avisar o governo britânico quanto ao paradeiro deles, nem sequer estava certo de que não estivesse prevista alguma traição para o dia seguinte, quando chegasse à costa com os marinheiros que teriam de os acompanhar com os seus pertences.

Assim que estivessem longe da vista de Black Michael, qualquer um dos homens poderia abatê-los, deixando assim Black Michael de consciência limpa.

E, mesmo que escapassem a tal destino, não seria para enfrentarem perigos ainda mais graves? Sozinho, ele até poderia sobreviver ao longo de anos, pois era um homem forte e atlético.

Mas, e quanto a Alice, e aquela outra pequena vida que muito em breve seria largada por entre as provações e graves perigos do mundo primitivo?

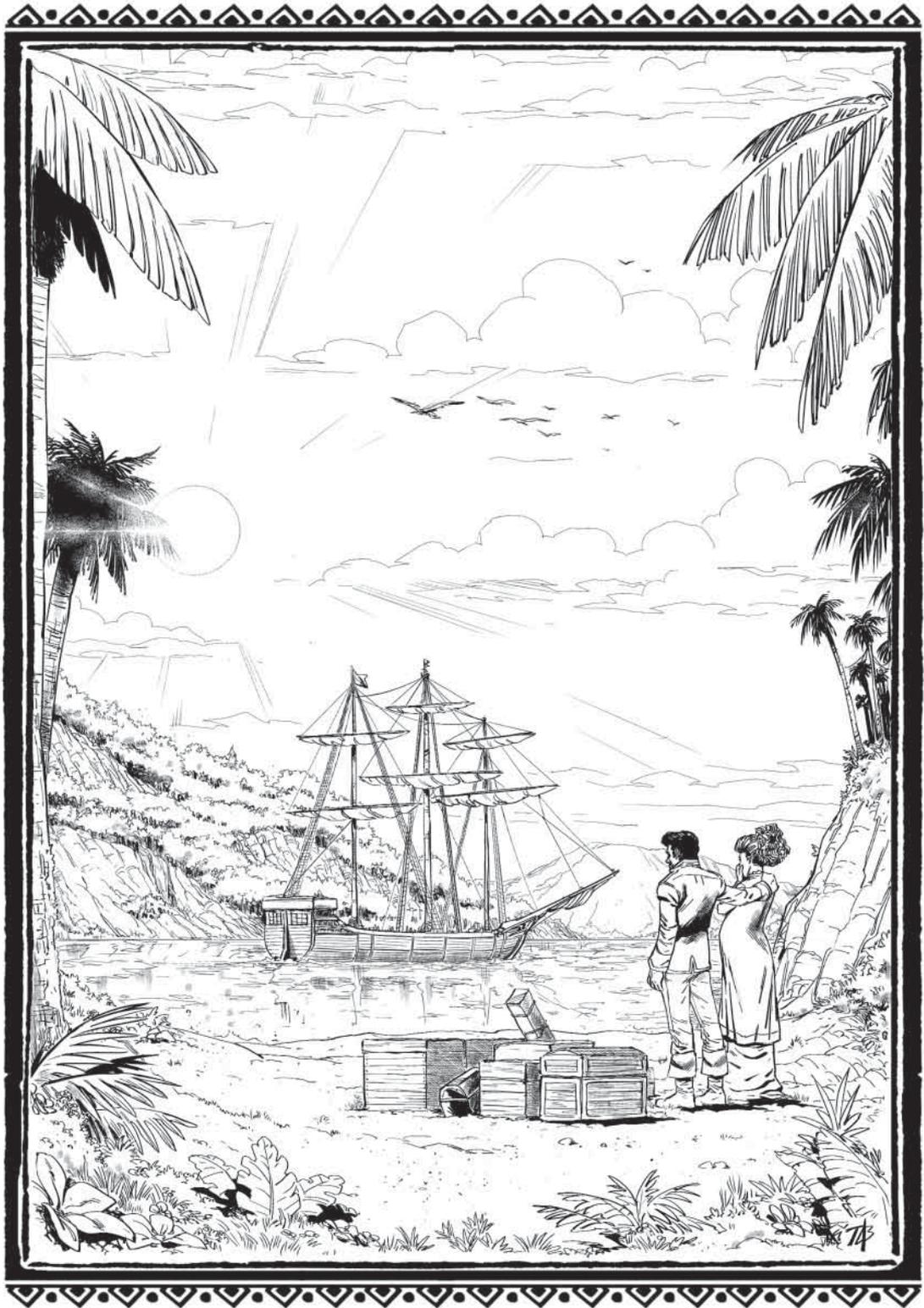
O homem estremeceu ao meditar na gravidade e no desamparo medonho da situação deles. Mas foi uma misericordiosa providência que impediu que ele previsse a horrível realidade que os aguardava nas profundezas sinistras daquele arvoredo sombrio.

Bem cedo na manhã seguinte, os seus inúmeros baús e caixas foram içados para o convés e baixados sobre barcos pequenos que aguardavam para os transportar para a costa.

Havia uma grande quantidade e variedade de material, dado que os Clayton contavam residir entre cinco e oito anos na sua nova residência, pelo que, além dos muitos objetos trazidos, havia também muitos luxos.

Black Michael estava determinado a que nada pertencente aos Clayton permanecesse a bordo. Fosse por compaixão por eles ou por benefício dos seus próprios interesses, era difícil dizer.

Não restavam dúvidas de que a presença de bens de um funcionário





**ILUSTRADOR:**

**António Brandão**

Nascido em novembro de 1977 em Lisboa, desde cedo demonstrou interesse pelo desenho e em especial pela banda desenhada, muito inspirado pelas revistas brasileiras da Marvel. Após concluir o curso de Design Gráfico, e de ter trabalhado nessa área durante alguns anos, arriscou a sua sorte no mercado independente de banda desenhada norte-americana.

Nos últimos anos, tem colaborado em variados projetos de editoras independentes.

<https://www.artstation.com/barnaby>



britânico num navio suspeito seria algo difícil de explicar em qualquer porto civilizado do mundo.

Tão zeloso se revelou no seu esforço para levar a cabo as suas intenções que insistiu com os marinheiros na posse dos revólveres de Clayton que lhes devolvessem.

Nos pequenos barcos foram também carregadas carnes salgadas e biscoitos, com um pequeno fornecimento de batatas e feijões, fósforos e recipientes de cozinha, um baú de ferramentas e as velhas velas que Black Michael lhes prometera.

Como se ele próprio temesse exatamente aquilo de que Clayton desconfiara, Black Michael acompanhou-os à costa e foi o último a sair de junto deles quando os pequenos barcos, depois de terem enchido os barris do navio com água pura, foram encaminhados na direção do *Fuwalda*, que os aguardava.

Conforme os barcos avançavam lentamente sobre as águas mansas da baía, Clayton e a sua mulher mantiveram-se a observar em silêncio a sua partida — no peito de ambos uma sensação de desastre iminente e enorme desamparo.

E atrás deles, sobre a beira de um cume baixo, outros olhos observavam — olhos unidos e maliciosos, a cintilar por trás de sobancelhas farfalhudas.

Quando o *Fuwalda* passou pela entrada estreita do porto e desapareceu de vista para lá da uma elevação, *Lady Alice* envolveu Clayton pelo pescoço e desatou a chorar descontroladamente.

Ela aguentara corajosamente os perigos do motim; com uma firmeza heroica encarara o futuro terrível; mas, agora que o horror da solidão absoluta se abatera sobre eles, os seus nervos sobrecarregados cederam e surgiu a reação.

Ele não tentou conter as lágrimas dela. Mais valia que a natureza seguisse o seu curso no alívio dessas emoções há muito reprimidas, e decorreram muitos minutos até que a rapariga — ela era pouco mais do que uma criança — lograsse voltar a recompor-se.

— Oh, John — gritou ela por fim —, que horror. O que havemos de fazer? O que havemos de fazer?

— Só há uma coisa a fazer, Alice — e ele falou tão tranquilamente como se estivessem em casa, na sua aconchegante sala de estar —, que é trabalhar. O trabalho será a nossa salvação. Não devemos parar para pensar, pois nessa direção reside a loucura.

» Temos de trabalhar e esperar. E estou certo de que chegará o alívio, e depressa, quando parecer que o *Fuwalda* se perdeu, mesmo que o Black Michael não cumpra o que nos prometeu.

— Mas, John, se fôssemos só eu e tu — soluçou — conseguiríamos aguentar, eu sei, mas...

— Sim, querida — respondeu ele, tranquilamente. — Também tenho pensado nisso; mas temos de enfrentá-lo, como teremos de enfrentar o que possa surgir, com coragem e a maior confiança nas nossas capacidades de lidar com as circunstâncias, sejam quais forem.

» Há centenas e centenas de anos, os nossos antepassados do sombrio e distante passado defrontaram-se com os mesmos problemas que teremos de enfrentar, possivelmente nestas mesmas florestas primitivas. Hoje em dia somos a prova de que eles triunfaram.

» O que eles fizeram não seremos capazes de fazer? E ainda melhor, pois não estamos nós armados com séculos de conhecimento superior e não temos nós meios de proteção, defesa e sustento que a ciência nos deu, os quais eles ignoravam por completo? O que eles alcançaram, Alice, com instrumentos e armas de pedra e osso, por certo também conseguiremos alcançar.

— Ah, John, quem me dera ser um homem com a filosofia de um homem, mas sou uma mulher, que vê com o coração mais do que com a cabeça e tudo o que vejo é demasiado horrível, demasiado impensável para pôr em palavras.

» Só espero que tenhas razão, John. Darei o meu melhor para ser uma brava mulher primitiva, uma companheira adequada para o homem primitivo.

O primeiro pensamento de Clayton foi arranjar um abrigo para dormirem à noite; algo que pudesse servir para os proteger das feras predadoras à espreita.

Ele abriu a caixa onde estavam guardadas as espingardas e as munições, para poderem estar armados contra possíveis ataques enquanto trabalhavam, e então, juntos, procuraram um local para dormirem na primeira noite.

A uns cem metros da praia ficava uma pequena elevação, bastante desprovida de árvores, e ali acabaram por decidir construir uma casa permanente, mas, por ora, ambos entenderam que seria melhor montar uma pequena plataforma nas árvores, fora do alcance dos animais selvagens maiores cujo reino eles ocupavam.

Para tal, Clayton escolheu quatro árvores que formavam um retângulo com cerca de dois metros quadrados, e cortando ramos compridos de outras árvores montou uma estrutura em volta deles, a uns três metros do solo, atando com corda as pontas dos ramos às árvores, tendo Black Michael deixado com eles uma quantidade dela retirada do *Fuwalda*.

Sobre a estrutura, Clayton pôs outros ramos mais pequenos e bastante unidos. Pavimentou esta plataforma com grandes frondes de colocásias que cresciam profusamente em redor deles, e sobre as frondes assentou uma grande vela dobrada várias vezes.

A dois metros de altura construiu uma plataforma similar, mas mais leve, para servir de telhado, e nas laterais pendurou o que sobrou das velas a servir de parede.

Terminado, tinham ali um pequeno ninho bastante aconchegante, para onde ele levou as mantas e alguma da bagagem mais leve.

A tarde já ia longa e o que restou das horas diurnas foi aproveitado para a construção de uma escada tosca, de modo a *Lady Alice* poder subir à sua nova casa.

Ao longo de todo o dia a floresta em volta deles revelara-se plena de aves excitadas com plumagem brilhante, e de macacos saltitantes e palradores que observaram os recém-chegados e as operações de construção do seu maravilhoso ninho com um vincado interesse e fascínio.

Embora tanto Clayton como a sua mulher estivessem particularmente atentos, não viram quaisquer animais de grande porte, apesar de em duas ocasiões terem observado os seus pequenos vizinhos símios aparecerem a gritar e a tagarelar vindos do cume próximo, revelando o mais simplesmente possível através da fala que fugiam de algo terrível que lá se escondia.

Pouco antes de anoitecer, Clayton concluiu a escada e enchendo uma grande bacia de água do ribeiro vizinho, os dois subiram para a relativa segurança do seu quarto elevado.

Dado que estava bastante quente, Clayton deixara as cortinas abertas sobre o telhado e quando se baixaram, como turcos, sobre as mantas, *Lady Alice*, semicerrando os olhos para as sombras do bosque, de repente estendeu a mão e agarrou o braço de Clayton.

— John — segredou ela —, olha! O que é aquilo, um homem?

Quando Clayton incidiu lá o olhar, viu a silhueta vagamente recortada nas sombras, um grande vulto de pé sobre o cume.

Por momentos, ficou ali como se estivesse à escuta e depois virou-se lentamente e fundiu-se com as sombras da selva.

— O que é, John?

— Não sei, Alice — respondeu, num tom solene —, está demasiado escuro para ver até tão longe, e podia não passar de uma sombra projetada pela Lua ascendente.

— Não, John, se não era um homem era uma imitação enorme e grotesca de um homem. Oh, tenho medo.

Ele acolheu-a nos seus braços, sussurrando-lhe ao ouvido palavras de coragem e amor, pois o maior do infortúnio deles, para Clayton, era a angústia mental da sua jovem mulher. Ele próprio corajoso e destemido, era contudo capaz de entender o sofrimento atroz que o medo gerava — um dom raro, mas um dos muitos que haviam tornado o jovem *Lord Greystoke* respeitado e adorado por todos os que o conheciam.

Logo a seguir baixou as paredes de cortinas, atando-as com força às árvores para que, com a exceção de uma pequena abertura voltada para a praia, ficassem completamente envoltos.

Dado que agora estava escuro com breu no seu pequeno ninho, estenderam-se sobre as mantas para tentarem, graças ao sono, descansar um pouco por via do alheamento.

Clayton deitou-se virado para a abertura na frente, com uma espingarda e um par de revólveres à mão.

Ainda mal tinham cerrado os olhos quando ecoou o grito de uma pantera na selva atrás deles. Aproximou-se cada vez mais, até ouvirem a grande fera diretamente por baixo deles. Ao longo de uma hora ou mais, ouviram-na farejar e arranhar as árvores que sustentavam a plataforma deles, mas finalmente lá se afastou vagarosamente pela praia, onde Clayton a viu nitidamente sob o luar brilhante... uma enorme e bela fera, a maior que alguma vez vira.

Durante as longas horas de escuridão dormiram apenas esporadicamente, pois os ruídos da noite de uma grande selva a transbordar de uma miríade de vida animal manteve os seus nervos em franja, tendo sido sobressaltados e despertando uma centena de vezes com gritos penetrantes, ou com movimentos furtivos de grandes corpos por baixo deles.

### III

## VIDA E MORTE



**P**ela manhã despertaram pouco ou nada revigorados, embora tenha sido com grande alívio que viram o dia amanhecer.

Assim que comeram o seu escasso pequeno-almoço de porco salgado, café e biscoitos, Clayton começou a trabalhar na casa deles, pois percebeu que não disporiam de segurança nem de paz de espírito à noite até quatro fortes paredes barrarem efetivamente a vida na selva.

A tarefa revelou-se árdua e exigiu praticamente um mês, embora ele tenha construído apenas uma divisão. Erigiu a sua cabana com pequenos troncos com cerca de quinze centímetros de diâmetro, tapando as frestas com barro que encontrou a cerca de um metro sob a superfície do solo.

Numa extremidade montou uma lareira com pequenas pedras trazidas da praia. Também colou estas com argila e quando a casa ficou completa aplicou um revestimento de barro por todo o exterior com uma espessura de dez centímetros.

Na abertura da janela aplicou pequenos ramos com cerca de dois centímetros e meio de diâmetro, tanto na vertical como na horizontal, e tão entrançados que formaram uma grade substancial capaz de suportar a força de um animal poderoso. Assim, obtinham ar e ventilação adequados sem receio de prejudicar a segurança da cabana.

O telhado em forma de A foi coberto por galhos pequenos bem cingidos e sobre estes erva alta da selva e frondes de palmeira, com uma cobertura final de barro.

Montou a porta com pedaços das caixas que tinham contido os seus pertences; pregou uma peça sobre outra, o veio das camadas contíguas a passar de forma transversal, até obter um corpo sólido com perto de oito centímetros de espessura e de tal robustez que ambos desataram a rir quando olharam para lá.

Aqui surgiu a maior dificuldade com que Clayton se deparou, pois não dispunha de meios para sustentar a sua porta, agora que a construía. No entanto,

ao fim de dois dias de trabalho conseguiu criar duas enormes dobradiças de madeira dura, e com estas prendeu a porta de modo a abrir e fechar com facilidade.

O estucar e outros retoques finais foram acrescentados depois de se mudarem para a casa, algo que fizeram assim que o telhado ficou pronto, empilhando as caixas diante da porta à noite e assim desfrutando de uma habitação relativamente segura e confortável.

A construção de uma cama, cadeiras, mesa e prateleiras tratou-se de algo relativamente simples, pelo que no final do segundo mês estavam bem instalados e, com a exceção do pavor constante face a um ataque de animais selvagens e a sempre crescente solidão, não se sentiam desconfortáveis nem infelizes.

À noite, as grandes feras rosnavam e rugiam junto à sua minúscula cabana, mas, de tal maneira alguém se habitua a ruídos frequentes que depressa passaram a prestar-lhes pouca atenção, dormindo profundamente ao longo de toda a noite.

Por três vezes vislumbraram fugazmente vultos grandes de forma humana como aquele da primeira noite, mas nunca suficientemente perto para confirmar se seriam formas de um homem ou de um animal.

As aves brilhantes e os macaquinhos habituaram-se aos seus novos conhecidos e, dado que nunca tinham visto até então seres humanos, depois de afastados os receios iniciais aproximaram-se cada vez mais, impelidos pela estranha curiosidade que toma os animais selvagens da floresta, da selva e da planície, pelo que ainda no primeiro mês vários pássaros chegaram ao ponto de aceitar pedaços de comida das mãos amigas dos Clayton.

Certa tarde, enquanto Clayton trabalhava num acrescento à cabana, pois ponderava construir mais divisões, uma série dos seus grotescos amigos apareceram aos guinchos e a ralar por entre as árvores, vindos do cume. Enquanto fugiam espreitavam temerosos para trás, até que por fim pararam junto a Clayton, tagarelando excitadamente com ele, como se quisessem avisá-lo de um perigo em aproximação.

Finalmente ele viu-o, aquilo que os macaquinhos tanto temiam — a fera do tamanho de um homem que os Clayton tinham vislumbrado fugazmente várias vezes.

Aproximava-se pela selva numa posição semiereta e de vez em quando apoiando no chão a parte de trás dos seus punhos cerrados — era um grande

símio antropoide e, consoante avançou, emitiu roncos guturais profundos e um ou outro som de ladrar rouco.

Clayton encontrava-se a certa distância da cabana, depois de ter derrubado uma árvore particularmente perfeita para as suas operações de construção. Tendo ficado cada vez mais despreocupado depois de meses de continuada segurança, durante os quais não viram animais perigosos nas horas do dia, deixara a espingarda e os revólveres no interior da pequena cabana, e agora que via o grande macaco a esmagar a vegetação rasteira diretamente na direção dele, e vindo por um caminho que praticamente lhe cortava a rota de fuga, sentiu um leve arrepio a formar-se e a descer-lhe pela espinha.

Sabia que armado apenas com um machado as suas hipóteses com aquele monstro feroz eram realmente escassas. E Alice — oh, céus, pensou ele, o que seria de Alice?

Havia ainda uma leve hipótese de chegar à cabana. Deu a volta e correu na sua direção, gritando a alertar a sua mulher para fugir para dentro e fechar a grande porta na eventualidade de o símio lhe cortar a retirada.

*Lady Greystoke* encontrava-se sentada um pouco afastada da cabana e ao ouvir o grito dele ergueu o olhar e viu o macaco a saltar com uma agilidade quase incrível para um animal tão grande e desajeitado, num esforço para interceptar Clayton.

Gritando baixinho, ela correu para a cabana e, ao entrar, espreitou para trás, aterrorizando a sua alma, pois a fera interceptara o seu marido, que se encontrava agora encurralado agarrando o machado com ambas as mãos, pronto a golpear o animal enfurecido quando este lançasse a sua investida final.

— Fecha e tranca a porta, Alice — gritou Clayton. — Eu consigo dar cabo deste tipo com o machado.

Mas ele sabia que enfrentava uma morte horrível, tal como ela.

O macaco parecia um grande touro, pesando provavelmente mais de cento e trinta quilos. Os seus feios olhos juntos cintilavam de ódio por baixo das suas sobranceiras farfalhudas, enquanto os seus grandes caninos eram exibidos num grunhido horrendo enquanto fazia uma pausa diante da sua presa.

Por cima do ombro da fera, Clayton via a entrada da sua cabana, a uns metros quinze metros de distância, e foi percorrido por uma grande vaga de terror e medo ao ver a sua jovem esposa aparecer armada com uma das espingardas.

Ela sempre temera armas de fogo e nunca lhes tocava, mas agora corria na direção do símio, destemida como uma leoa a proteger as suas crias.

— Afasta-te, Alice — gritou Clayton —, por amor de Deus, afasta-te.

Mas ela não obedeceu e nesse preciso momento o símio atacou, pelo que Clayton nada mais pôde dizer.

O homem rodou o machado com toda a força, mas a poderosa fera apanhou-o com as suas terríveis mãos, arrancando-o a Clayton e projetando-o para o lado, para muito longe.

Com um feio grunhido aproximou-se da sua vítima desprotegida, mas quando as suas presas chegaram junto da garganta que cobiçavam ouviu-se um estampido agudo e uma bala perfurou as costas do macaco entre os seus ombros.

Lançando Clayton ao chão, a fera voltou-se para o seu novo inimigo. Ali, diante dele, encontrava-se a aterrorizada rapariga, tentando em vão disparar outra bala contra o corpo do animal; mas ela não compreendia o mecanismo da arma de fogo e o martelo incidiu futilmente sobre um cartucho vazio.

Gritando de dor e raiva, o macaco lançou-se à frágil mulher, que tombou por baixo dele numa piedosa inconsciência.

Quase em simultâneo, Clayton reergueu-se e sem pensar na profunda falta de esperança correu em frente para arrastar o macaco de cima da sua prostrada mulher.

Com pouco ou nenhum esforço ele conseguiu e o grande símio rolou inerte sobre a relva diante dele — o macaco morrera. A bala cumprira a sua função.

Uma observação rápida à sua mulher não revelou marcas nela e Clayton percebeu que a enorme fera morreu assim que saltou sobre Alice.

Com cuidado, ergueu a forma ainda inconsciente da sua mulher e levou-a para a pequena cabana, mas decorreram duas horas até ela recuperar a consciência.

As primeiras palavras dela deixaram Clayton vagamente preocupado. Ao fim de algum tempo, depois de recuperar os sentidos, Alice olhou admirada para o interior da pequena cabana, até que, com um arquejo de satisfação, disse:

— Oh, John, é tão bom estar mesmo em casa! Tive um sonho terrível, meu querido. Pensei que já não estávamos em Londres, mas sim num lugar qualquer terrível onde éramos atacados por feras enormes.

— Pronto, pronto, Alice — disse ele, afagando-lhe a testa —, tenta voltar a dormir e não atormentes a cabeça com pesadelos.

Nessa noite nasceu um pequeno filho na minúscula cabana ao lado da floresta primitiva, enquanto um leopardo gritava diante da porta, e as notas profundas de um rugido de leão soaram para lá do cume.

*Lady Greystoke* nunca recuperou do choque do ataque do grande macaco e, apesar de ter vivido um ano após o nascimento do bebé, nunca mais saiu da cabana, nem percebeu por completo que não se encontrava em Inglaterra.

Às vezes questionava Clayton quanto aos ruídos estranhos da noite, a ausência de criadagem e o mobiliário estranhamente tosco no quarto dela, mas, apesar de ele não tentar enganá-la, ela nunca percebeu bem o que se passava.

De outras formas ela era bastante racional, e a alegria e a felicidade que ela demonstrava quando estava com o seu filhinho e as constantes atenções do marido tornaram esse ano muito feliz para ela, o mais feliz da sua jovem vida.

Clayton bem sabia que teria sido assolada por preocupações e apreensões caso ela tivesse estado na posse das suas faculdades mentais; por isso, apesar de sofrer imenso por a ver daquela forma, altura houve em que quase se sentiu grato, pelo bem dela, que não conseguisse compreender.

Há muito que deixara de acalantar esperanças de ser resgatado, exceto se fosse por acaso. Com um zelo incansável esforçou-se por embelezar o interior da cabana.

Peles de leão e pantera cobriam o chão. Armários e estantes de livros delimitavam as paredes. Um ou outro vaso feito com as próprias mãos a partir do barro da região continha belas flores tropicais. Cortinas de erva e bambu tapavam as janelas e, a tarefa mais árdua de todas, com o seu escasso suprimento de ferramentas trabalhou madeira para selar na perfeição paredes e teto e instalar um chão liso na cabana.

O facto de ter conseguido lançar mão a tal tipo de trabalho a que estava pouco habituado foi uma fonte de certo espanto para ele próprio. Mas adorava o trabalho, pois era dedicado à mulher e à vida minúscula que veio animá-los, apesar de lhe ter multiplicado por cem as responsabilidades e o terror da situação deles.

Durante o ano que se seguiu, Clayton foi atacado por várias vezes pelos grandes símios que agora pareciam infestar continuamente as vizinhanças da cabana; mas, dado que nunca mais se aventurou no exterior sem a espingarda e os revólveres, pouco receava as enormes feras.

Reforçou as proteções das janelas e instalou uma fechadura de madeira única na porta da cabana, para que quando fosse caçar e procurar fruta, como

era constantemente necessário para assegurar sustento, ele não temesse que algum animal pudesse invadir o pequeno lar.

De início abateu grande parte da caça a partir das janelas da cabana, mas para o fim os animais aprenderam a temer o estranho covil de onde ecoava o aterrador estrondo da sua espingarda.

Nos momentos de lazer Clayton lia, muitas vezes em voz alta para a mulher, do lote de livros que trouxera para a nova casa. Entre estes, constavam muitos para crianças — livros ilustrados, cartilhas, manuais escolares —, pois sabiam que a sua criança teria idade suficiente para tal antes de poderem contar regressar a Inglaterra.

Noutras ocasiões Clayton escrevia no seu diário, que sempre se habituara a manter em francês e onde registava os pormenores da estranha vida deles. Este livro ele mantinha trancado numa pequena caixa metálica.

Um ano decorrido desde o nascimento do seu pequeno filho, *Lady Alice* faleceu sossegadamente durante a noite. Tão tranquilo foi o seu fim que decorreram horas até Clayton despertar para a conclusão de que a sua mulher morreria.

O horror da situação abateu-se muito vagarosamente sobre ele e é de duvidar que alguma vez tenha compreendido na sua plenitude a enormidade do seu pesar e a assustadora responsabilidade que sobre ele recaiu ao cuidar daquela coisinha minúscula, o seu filho, ainda um bebé de peito.

A derradeira entrada no seu diário foi feita na manhã seguinte à morte dela e ali ele enumera os tristes pormenores de uma forma prática que intensifica o seu *pathos*, pois transpira uma apatia cansada nascida do contínuo pesar e desespero, que até este golpe cruel mal conseguiu despertar para um sofrimento ainda maior:

O meu filhinho chora por alimento — Ó Alice, Alice, o que hei de fazer?

E à medida que John Clayton anotava as últimas palavras que a sua caneta estava destinada a escrever, deixou cair cansadamente a cabeça sobre os braços estendidos na mesa que ele construía para ela, que se encontrava estendida e fria na cama ao lado dele.

Durante muito tempo nenhum som interrompeu a quietude de morte do meio-dia da selva, a não ser pelo choro lamuriento da pequena criança humana.